

CONSCIENTE COLETIVO X INCONSCIENTE COLETIVO: UM CONTRAPONTO ENTRE ÉMILE DURKHEIM E CARL G. JUNG

COLLECTIVE CONSCIOUS X COLLECTIVE UNCONSCIOUS: A COUNTERPOINT BETWEEN ÉMILE DURKHEIM AND CARL G. JUNG

CONSCIENTE COLECTIVO X INCONSCIENTE COLECTIVO: UN CONTRAPUNTO ENTRE ÉMILE DURKHEIM Y CARL G. JUNG

Juliana Braga Macias Ventura¹

Resumo

Este trabalho tem a finalidade de compreender os conceitos de consciente coletivo e de inconsciente coletivo. De um lado, esse tema é relevante porque atende aos costumes e códigos culturais, como etiqueta, moral e representações coletivas. De outro, manifesta-se simbolicamente em religiões, mitos, contos de fadas e fantasias, conceitos como nascimento, morte, sol, lua, fogo, poder e mãe. Como objetivos, busca-se nessa pesquisa sintetizar as ideias de Émile Durkheim e de Carl Gustav Jung, a fim de comparar os pontos de vista desses dois grandes intelectuais da humanidade, trazendo a riqueza do pensamento sociológico e do arcabouço da psicologia analítica. Assim, a metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, partindo do interesse nos padrões das interações sociais, bem como na cultura da vida cotidiana e o reconhecimento do tema delimitador do presente estudo.

Palavras-chave: consciente coletivo; inconsciente coletivo; psicanálise; sociedade.

Abstract

The objective of this work is to gain insight into the concepts of collective consciousness and collective unconscious. From a cultural perspective, this theme is significant in that it aligns with established customs and cultural codes, including etiquette, morals, and collective representations. On the other hand, it manifests itself symbolically in religions, myths, fairy tales, and fantasies, as well as in concepts such as birth, death, the sun, the moon, fire, power, and mother. The objective of this research is to synthesize the ideas of Émile Durkheim and Carl Gustav Jung in order to compare the points of view of these two prominent intellectuals. This will be achieved by bringing together the insights of sociological thought and the analytical/psychoanalytic framework. Accordingly, the methodology employed was bibliographical research, based on an interest in the patterns of social interactions as well as the culture of everyday life and the recognition of the outlining theme of the present study.

Keywords: collective consciousness; collective unconscious; psychoanalysis; society.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender los conceptos de conciencia e inconsciente colectivo. Por un lado, ese tema es relevante porque contesta a las costumbres y códigos culturales, como la etiqueta, la moral y las representaciones colectivas. Por otro lado, se manifiesta simbólicamente en religiones, mitos, cuentos de hadas y fantasías, conceptos como nacimiento, muerte, sol, luna, fuego, poder y madre. Como objetivos, en esa investigación se busca sintetizar las ideas de Émile Durkheim y Carl Gustav Jung, con el fin de comparar los puntos de vista de esos dos grandes intelectuales de la humanidad, aportando la riqueza del pensamiento sociológico y de la psicología analítica. Así, la metodología utilizada fue la investigación bibliográfica, basada en el interés por los patrones de interacciones sociales, así como por la cultura de la vida cotidiana y el reconocimiento del tema que guiará el presente estudio.

Palabras clave: conciencia colectiva; inconsciente colectivo; psicoanálisis; sociedad.

¹ Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: julianamacias.email@gmail.com.

1 Introdução

Nesse artigo, desenvolver-se-á a conceituação de consciente coletivo e de inconsciente coletivo. O primeiro diz respeito à gama de saberes e especificidades de uma sociedade que influenciam o pensamento e as ações dos indivíduos, tornando-os comuns a todos. O segundo significa um tipo de conhecimento nato – arquétipos ou imagens latentes que cada pessoa herda de seus ancestrais, funcionando como uma predisposição para reagir ao mundo de forma semelhante ao do passado. Na primeira parte, será desenvolvido sobre as concepções de consciente e inconsciente sob a ótica da psicanálise. Na segunda parte, foca-se nos pontos de vista de Émile Durkheim e de Carl Gustav Jung, enquanto na terceira parte, levanta-se as considerações finais da relação entre as duas teorias.

2 Consciente e inconsciente

O conceito de consciência geralmente está ligado com termos como o “eu”, “existência”, “pessoa”, podendo fazer referência ao conhecimento, percepção, honestidade, senso de moralidade e dever. Ao longo do tempo, a filosofia dedicou-se a compreender a intencionalidade da consciência, se dirigida para algo ou acerca de algo. Ainda, quanto a sua espontaneidade, a consciência imediata, que remete para a existência do homem perante si mesmo, quando pensa ou age; ou consciência refletida, tendo o homem a capacidade de recuar perante os seus pensamentos para analisá-los e julgá-los. Desse modo, a consciência pode revelar tanto a noção das próprias ações ou sentimentos internos quanto estímulos ao redor de um indivíduo que confirmam a sua existência.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a maior contribuição de Sigmund Freud (1856 – 1939) foi observar que o comportamento também é governado por processos inconscientes e não somente pela consciência. Seu interesse iniciou durante o período de estágio no Hospital Salpetriere, na França, em que ficou maravilhado com as técnicas utilizadas por seu professor Jean Charcot no tratamento de histéricas, no qual, por meio da hipnose, lembranças e emoções que haviam sido recalçadas eram acessadas, cujo resultado produzia a suspensão de dores e crises psicológicas.

Mais tarde, em parceria com Josef Breuer (1842 – 1925), médico e fisiologista austríaco, desenvolveu estudos sobre a histeria, defendendo o papel determinante das lembranças recalçadas no surgimento dos mecanismos histéricos. Influenciado por Breuer, percebe um estado de melhora desses pacientes. Freud utiliza do método catártico, tratamento em que as emoções são trazidas à fala para criar sua teoria sobre as neuroses, em que a causa estaria em

experiências traumáticas da infância, sobretudo de ordem sexual. Então, com o início da publicação de seus próprios trabalhos, Breuer rompe com Freud, assim como a maioria de seus contemporâneos, afirmando que sua ênfase na sexualidade era exagerada e escandalosa para a época.

Em 1900, Freud publica o livro “A Interpretação dos Sonhos”, que inaugura a Psicanálise e a divulga pelo mundo. Essa obra apresenta o “aparelho psíquico”, diferentemente dos demais estudados pela medicina. Essa organização psíquica, embora seja parte constituinte do ser humano e tenha capacidade de afetar seu corpo, não é física, propriamente, mas totalmente simbólica, operado por marcas mnêmicas de experiências de prazer e desprazer.

Para Freud, a mente possui não somente a parte consciente, criando, assim, uma teoria topográfica, chamada de “primeira tópica freudiana” para demonstrar as instâncias mentais: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. O Consciente responde pelos aspectos racionais, pelo que se a pensar, a atenção e pelo modo como é possível reconhecer as relações com os outros. É uma pequena porção da mente, ainda que se possa acreditar ser a maior.

O sistema consciente tem a função de receber informações provenientes das excitações provenientes do exterior e do interior, que ficam registradas qualitativamente de acordo com o prazer e/ou, desprazer que elas causam, porém ele não retém esses registros e representações como depósito ou arquivo deles. Assim, a maior parte das funções perceptivo-cognitivas-motoras do ego – como as de percepção, pensamento, juízo crítico, evocação, antecipação, atividade motora etc., processam-se no sistema consciente, embora esse funcione intimamente conjugado com o sistema Inconsciente, com o qual quase sempre está em oposição (Zimerman, 1999, p. 82).

O Pré-Consciente refere-se aos conteúdos que podem até chegar à instância do consciente, mas que lá não podem permanecer. De forma geral, seu teor é composto por informações que não são possíveis de serem pensados, mas que são necessárias para que o consciente faça suas funções. Assim, Roudinesco declara que:

Sigmund Freud utilizou o termo pré-consciente como substantivo para designar uma das três instâncias, com as do consciente e do inconsciente, de sua primeira tópica. Empregado como adjetivo, o termo qualifica os conteúdos dessa instância ou sistema que, apesar de não estarem presentes na consciência, continuam acessíveis a ela, diversamente dos conteúdos do sistema inconsciente. No contexto da segunda tópica freudiana, o pré-consciente, distinto do eu e sobretudo da parte inconsciente deste, inscreve-se, todavia, no domínio dessa instância (Roudinesco; Plon, 1998, p. 596).

Pode-se pensar no pré-consciente, como uma instância que se localiza entre as outras duas, consciente e inconsciente, serve como filtro para as informações que passarão de um nível ao outro. O Inconsciente se refere a todo conteúdo mental que não está disponível para a pessoa

na consciência, ou seja, não é possível recordar desse conteúdo, pois ele foi censurado. Além da maior parcela da mente, para Freud, é a mais importante. Portanto, as memórias que se acredita estarem perdidas para sempre, ou mesmos os nomes esquecidos, ou ainda os sentimentos que são ignorados, estão no inconsciente.

O inconsciente possui sua própria linguagem, não obedecendo uma relação cronológica, conforme se está habituado. É possível dizer que o inconsciente não registra o “não”, pois a força que rege o inconsciente é a pulsão, que está sempre buscando satisfação. Laplanche e Pontalis, explicam assim:

INCONSCIENTE – A) O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência. Isto num sentido “descritivo” e não “tópico”, quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente. B) No sentido “tópico”, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque. Podemos resumir do seguinte modo as características essenciais do inconsciente como sistema (ou Ics): a) Os seus “conteúdos” são “representantes” das pulsões; b) Estes “conteúdos” são regidos pelos mecanismos específicos do processo primário, principalmente a condensação e o deslocamento. c) Fortemente investidos pela energia pulsional, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalçado); mas só podem ter acesso ao sistema Pcs-Cs nas formações de compromisso, depois de terem sido submetidos às deformações da censura. d) São, mais especialmente, desejos da infância que conhecem uma fixação no inconsciente. e) A abreviatura Ics designa o inconsciente sob a sua forma substantiva como sistema; ics é a abreviatura do adjetivo inconsciente enquanto qualifica em sentido estrito os conteúdos do referido sistema (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 235-236).

Por fim, destaca-se que o modelo freudiano não delimita, de forma hermética e imutável, tais compartimentos da mente humana, existindo um dinamismo em que o inconsciente exerce uma força para passar para a consciência, mas encontra uma resistência por parte do ego.

3 Consciente coletivo e inconsciente coletivo

A concepção de consciência coletiva surgiu na França, após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, por Émile Durkheim (1858 – 1917), sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês. Considerado o pai da sociologia, Durkheim foi diretamente influenciado pelo positivismo de Auguste Comte, dedicando seus estudos aos comportamentos coletivos. Seu interesse pautava-se na compreensão dos fatores capazes de manter uma sociedade coesa, isso porque naquele momento o povo francês passava por uma profunda mudança advinda de uma crise política, econômica e social.

Durkheim estabelece o chamado “fato social” como objeto de sua investigação. Para ele, há sempre algo que exerce força de coerção sobre os sujeitos, independentemente de sua

vontade ou ação individual. O fato social parte da sociedade para o indivíduo, impondo-se como padrão sobre os comportamentos particulares, garantindo, assim, a homogeneização coletiva.

Como positivista, Émile Durkheim tem uma visão harmoniosa da sociedade e considera qualquer desvio de padrões como anomalias que devem ser corrigidas pela organização das forças sociais. Nesse contexto, o consciente coletivo é definido como o agrupamento de elementos comuns de uma sociedade que conduzem a padronização da forma de pensar e de agir dos indivíduos, a exemplo dos códigos e normas, etiqueta, moral e semelhança das representações coletivas. Em suma, o sujeito é direcionado pela sociedade em que está inserido e suas práticas e ações são fortemente influenciadas pela consciência coletiva.

Em sua obra “Da Divisão do Trabalho Social” (1893), o sociólogo explora a relevância das representações individuais e coletivas na existência do indivíduo:

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela é, por definição, difusa em toda a extensão da sociedade, mas tem, ainda sim, características específicas que fazem dela uma realidade distinta. De fato, ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, ela permanece. E a mesma no Norte e no Sul, nas grandes e nas pequenas cidades, nas diferentes profissões. Do mesmo modo, ela não muda a cada geração, mas liga umas às outras as gerações sucessivas. Ela é, pois, bem diferente das consciências particulares, conquanto só seja realizada nos indivíduos. Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, do mesmo modo que os tipos individuais, muito embora de outra maneira (Durkheim, 2010, p. 50).

Por fim, Durkheim elege o Estado como a instituição responsável por organizar essa sociedade, exercendo uma força capaz de garantir sua unidade, assim como a educação, que tem o importante papel de preparar o indivíduo para integrar-se harmoniosamente ao corpo social.

Carl Gustav Jung (1875 – 1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, influenciado pelas ideias de Théodore Flournoy e Pierre Janet, em contato com as obras de Sigmund Freud, interessou-se sobre a possibilidade de confirmar hipóteses sobre associações verbais, ideias fixas no inconsciente e os complexos, que se assemelhavam a seus próprios estudos.

Jung e Freud estabeleceram uma amizade de aproximadamente sete anos, correspondendo-se e trocando informações sobre seus sonhos, análises, confidências e casos clínicos. Com o tempo, Freud passou a considerá-lo como seu sucessor. No entanto, Jung jamais concordou com as teorias freudianas, acerca das causas dos conflitos psíquicos sempre envolverem algum trauma de origem sexual, e Freud, por outro lado, não admitia a predileção de Jung por fenômenos espirituais. Então, no ano de 1914, essa divergência culminou em outro

grande rompimento na vida de Freud, seguindo Jung adiante com sua própria linha de pensamento.

Freud acreditava que o inconsciente seria formado por conteúdos reprimidos ou esquecidos, ocupando um espaço individual na mente, impulsionado pelo desejo sexual e pela busca do prazer, em que os pensamentos e sentimentos são censurados pela consciência. Jung foi além dessa ideia, defendendo a existência de um inconsciente coletivo, que afeta as emoções e os comportamentos do consciente sobre as origens e os valores sociais da humanidade.

Para Jung, o inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, ele é herdado. É um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade, um tipo de reservatório de imagens latentes, chamadas de “arquetipos”, ou imagens primordiais, que cada pessoa herda de seus ancestrais. Geralmente, o indivíduo não se recorda das imagens de forma consciente, porém, herda uma predisposição para reagir ao mundo da forma que seus ancestrais faziam. Sendo assim, a teoria do inconsciente coletivo afirma que o ser humano nasce com muitas predisposições para pensar, entender e agir de determinadas formas.

(...) Apesar de me terem acusado frequentemente de misticismo, devo insistir mais uma vez em que o inconsciente coletivo não é uma questão especulativa nem filosófica, mas sim empírica. A pergunta seria simplesmente saber se tais formas universais existem ou não. No caso afirmativo existe uma área da psique que podemos chamar de inconsciente coletivo. O diagnóstico do inconsciente coletivo nem sempre é tarefa fácil. Não basta ressaltar a natureza arquetípica, muitas vezes óbvia, dos produtos inconscientes, pois estes também podem provir de aquisições mediante a linguagem da educação (...) (Jung, 2000, p. 55).

Os arquétipos presentes no inconsciente coletivo são universais e idênticos em todos os indivíduos. Esses se manifestam simbolicamente em religiões, sonhos, mitos, contos de fadas e fantasias. Após o nascimento, essas imagens preconcebidas são desenvolvidas e moldadas conforme as experiências do indivíduo.

JUNG tem uma concepção de inconsciente profundamente distinta da de Freud. Ele não valoriza muito o aspecto conflitual, com a respectiva repressão de desejos pulsionais que constituem fixações de situações passadas. Antes, JUNG enfoca prioritariamente os núcleos herdados que guardam germes de potencialidades psíquicas a serem desenvolvidas no futuro (Zimmerman, 2008, p. 214).

Assim, Jung acreditava que a comunidade ajuda o indivíduo a tomar determinados caminhos e que a verdadeira realização pessoal só pode ser alcançada por meio da harmonia entre o consciente e o inconsciente.

4 Émile Durkheim e Carl Gustav Jung

Não há dúvidas quanto à afinidade de pesquisa entre a Sociologia e a Psicanálise na busca de compreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade, uma vez que seria impossível avançar no conhecimento das dinâmicas sociais e institucionais sem o aprofundamento no comportamento humano. Dessa forma, a Psicanálise foi muito além de um tratamento terapêutico, impactando também o campo de outras ciências. A teoria psicanalítica trouxe à tona a reflexão sobre os desejos inconscientes que produzem conflitos psíquicos e geram sentimentos ocultos, os quais determinavam os comportamentos dentro de um grupo social.

Na visão de Jung, o constante confronto entre a natureza e o espírito tem o poder de promover e contribuir para o crescimento, a autorregulação e ao equilíbrio psíquico. Posto que, quando as ligações entre o individual e o coletivo, entre mente, espírito e corpo estão abertas e fluindo de forma natural, a vida acontece de maneira livre, leve e dinâmica, pois o fluxo traz um senso de propósito e realização de forma natural. Quanto às bases sociológicas, é frequente se deparar com a noção de consciência coletiva em trabalhos sobre religião e crime, tendo em vista seu aspecto acerca do respeito e da obediência ou não das normas. Durkheim fez diversas reflexões sobre o ato de punir, ou melhor, sobre a sistemática acerca da justiça e retribuição. Sendo assim, o conceito de consciência coletiva teoriza algum nível de normalidade para as diferentes sociedades.

Portanto, verifica-se que há uma dualidade entre os conceitos, visto que, se por um lado o consciente coletivo advém de normas, costumes e comportamentos que foram solidificados ao longo dos séculos e que regem uma sociedade, impondo, muitas vezes, a vontade individual, por outro lado, na visão de Jung, o inconsciente coletivo seria uma forma de agir conforme as práticas de seus ancestrais, trazendo, de certa forma, uma afirmação individual frente ao que é posto pelo consciente coletivo.

5 Conclusão

A realização desse trabalho possibilitou observar que a determinação dos limites entre o consciente coletivo e o inconsciente coletivo não é uma tarefa fácil, pois mesmo no caso de decisões extremamente individuais, podem ser influenciadas pelas condições sociais.

Para atingir o entendimento da questão, definiu-se os conceitos de consciência e de inconsciente para, enfim, chegar o mais próximo do nível de compreensão dos seus aspectos coletivos. Foi possível compreender que o “si mesmo” não é apenas o ponto central, mas também a circunferência que engloba tanto a consciência como o inconsciente. A consciência é passível de ser domesticada, mas isso não se dá com o inconsciente.

Embora Carl Gustav Jung tenha sido alvo de muitas críticas, sendo acusado de trocar a ciência pelo misticismo, e Émile Durkheim tenha sido acusado de negligenciar a autonomia individual, em detrimento às ações de coerção social, isso tudo auxilia a julgar mais profundamente o caos social em que se vive atualmente. Além disso, permite refletir sobre a busca incessante dos homens por uma felicidade, talvez ainda tão distante para algumas sociedades.

Referências

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZIMERMAN, D. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZIMERMAN, D. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.